

**Estudo preliminar da ictiofauna na Bacia do Rio Paraíba do Sul no Município de São Fidélis, RJ**  
GOMES, Anne Isabelle Costa<sup>1</sup>, SHIMOYA, Aldo<sup>2</sup>, TERRA, Ricardo Pacheco<sup>1</sup> e RIBEIRO, Selmo Eduardo Pires<sup>1</sup>. <sup>1</sup>Cefet Campos, Rua Dr. Siqueira, 273 - CEP 28030-130 - Campos dos Goytacazes, RJ; <sup>2</sup>Universidade Salgado de Oliveira, Av. Osvaldo Cardoso de Melo, 856 - CEP 28030-112 - Campos dos Goytacazes, RJ. - E-mail: anneisabelle@uol.com.br

## Introdução

O rio Paraíba do Sul é um dos complexos fluviais extenso que tem sua nascente na cidade de Paraibuna, SP e seu curso percorre parte dos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro até a sua foz na cidade de São João da Barra, no norte do Estado. Esse rio, ao longo dos anos, foi palco de muitos marcos históricos como: a chegada dos imigrantes que proporcionaram a colonização; serviu como via de transporte nos ciclos de açúcar e do café, que movimentou a economia da região durante um determinado tempo. O ecossistema fluvial desse rio influenciou bastante a população que vive às suas margens, tanto nos aspectos culturais (hábitos de higiene, de alimentação) e econômicos (pescas, cultivo de lavouras). Na decorrer dos anos o rio Paraíba do Sul vem sofrendo muitos impactos ambientais que tem influenciado na ictiofauna local e na intensidade do curso do rio, sendo que dos impactos o mais recente foi o acidente causado pelo vazamento de resíduos tóxicos do reservatório da fábrica de papel em Cataguases, MG, contendo soda cáustica, cloro e lignina responsáveis pela coloração negra (REZENDE, 2003). Este acidente ocasionou a mortandade de vários pescados como: robalo peba (*Centroponus parallelus*), lagosta-de-rio (*Macrobrachium carcinus*), cascudo (*Hypostomus spp.*), lambari (*Astynax bimaculatus*), parati (*Mugil curemai*) e vermelho (*Lutyanus jocu*); além de causar a interrupção do abastecimento de água nas cidades de Pádua, Aperibé, Cambuci, São Fidélis, Campos dos Goytacazes e São João da Barra afetando diretamente as comunidades ribeirinhas, onde o rio era utilizado como uma forma de obtenção do sustento dos pescadores. A utilização dos conhecimentos da etnobiologia, que é uma linha de pesquisa centrada nos povos tradicionais, busca uma interface entre a ciências sociais e a ciências da natureza, visando conhecer o nível de preservação do ecossistema e da biodiversidade (CASTRO, 2000). Dessa forma pode-se fazer por meio de levantamento da ictiofauna atual buscando a compreensão do fenômeno da interação entre o homem e os peixes, que abrange tanto os aspectos cognitivos, quanto os comportamentais (SOUZA, 2004). O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo utilizando os conhecimentos da etnobiologia, baseando em dados provenientes de pescadores do rio Paraíba do Sul, na região de São Fidélis, para conhecer a ictiofauna local em relação aos peixes mais pescados, aos peixes exóticos e os artefatos utilizados na captura dos pescados.

## Material e Método

O trabalho foi realizado na Colônia Z-21, em São Fidélis, no período de agosto de 2004 a abril de 2005. A técnica de coleta de dados nessa pesquisa foi a entrevista, que indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas (BARROS; LEHFELD, 1986). Foram aplicadas entrevistas abertas ou não estruturadas, que permite ao entrevistado espaço para destacar o que é relevante sobre o assunto proposto (peixes mais pescados, peixes exóticos e artefatos utilizados na captura dos pescados). Foram entrevistados 24 pescadores, residentes no município, com tempo de pesca superior a 15 anos.

## Resultados e Discussão

As atividades pesqueiras desenvolvidas pela Colônia Z-21 tem como característica ser artesanal e quase que exclusivamente masculina. Na ictiofauna local, a frequência dos peixes mais pescados e os mais procurados para a venda são: 11,1% lagosta (*Macrobrachium carcinus*); 10,1% robalo (*Centroponus parallelus*); piau 9,7% (*Leporinus piau*); e 9,2% cascudo (*Hypostomus spp.*). Esses pescados têm uma grande aceitação na comercialização da região e já fazem parte da culinária local. A manjuba (*Anchoviella lepidostole*) é um peixe que se pesca em grande quantidade, mas apresenta um percentual de apenas 6,3%, isto se deve ao fato de nem todos os pescadores atuarem na captura dessa espécie. Os peixes exóticos, ou que foram introduzidos como o tucunaré (*Cichla spp.*), piauçu (*Leporinus macrocephalus*), tilápia (*Oreochromis niloticus*), tambaqui (*Colossoma macropomum*) e pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*) têm, respectivamente, os seguintes percentuais: 6,3%; 4,8%; 3,9%; 3,4%; 1,4%. Isto ocorre em função de serem capturados com uma frequência irregular chegando, às vezes, a um exemplar ao ano e estar também associado ao fato de que em alguns locais, não é muito propício o aparecimento dessas espécies. Com relação aos instrumentos utilizados para a pesca, pode-se constatar que estes variam de acordo com a posição do pescador em relação ao rio e o tipo de pescado que se pretende capturar. A rede monzoada é bem utilizada pelos pescadores com uma preferência de cerca de 20,9%. O tamanho da malha desta rede varia de acordo com o tamanho da espécie que pretende ser capturada como, por exemplo: robalo peba (*Centroponus parallelus*), grumatã (*Prochilodus lineatus*),

piau (*Leporinus piau*), cascudo (*Hypostomus* sp.) e tilápia (*O. niloticus*). De acordo com MENDES (2002) a rede corrida diferencia pelo fato de ser utilizada para capturar lagosta. Outro instrumento de pesca é a tarrafa, com uma utilização de 19,1%; captura tanto peixes grandes quanto pequenos como: tucunaré (*Cichla spp.*), traíra (*Hoplias malabarais*) e outros. Segundo SOUZA (2004) esse instrumento é muito utilizado no verão: para captura de peixes pequenos. O anzol é instrumento com 19,1% de utilização e pode ser usado com o pescador parado ou em movimento, na captura de todo o tipo de peixe. Já, a gaiola, teve 17,3% de utilização pelos pescadores, sendo um instrumento muito usado na pesca da lagosta. A rede corrida apresentou uma percentagem de 16,4% de uso pelos pescadores. Este instrumento possui bóia, podendo ser de isopor ou de garrafa “pet” em suas bordas e é muito utilizada na pesca da manjuba. SOUZA (2004) relatou que a utilização da rede de espera se assemelha com a rede corrida, tendo uma malha que varia de acordo com a espécie, muito usada na pesca da manjuba.

### **Conclusões**

Foi detectado que os pescadores possuem conhecimento sobre a dinâmica dos organismos encontrados nos arredores do rio Paraíba do Sul, reconhecendo que a demanda desses recursos está sofrendo uma redução, porém alguns pescadores ainda não desenvolveram a conscientização da preservação dos ambientes naturais. Os pescadores reconhecem que cada espécie de pescado tem período propício para ser capturada. - O instrumento de captura de pescados mais utilizado na região estudada foi a rede monzoada. - A introdução de peixes exóticos teve uma boa aceitação entre a comunidade pesqueira, possibilitando uma variedade nas vendas, porém não se sabe ainda, que desequilíbrio isso pode ocasionar no ecossistema fluvial.

### **Referência Bibliográfica**

- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 2. ed. ampl. São Paulo: McGraHill do Brasil, 1986.
- CASTRO, E. *Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais*. In: DIEGUES, A. C. S. *Etnoconservação: novos rumos a proteção da natureza no trópicos*. São Paulo: Ed. Hucitec. NUPAUB, 2000.
- MENDES, L. P. *Etnoecologia dos pescadores e marisqueiras da vila Garapuá*. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2002.
- REZENDE, C. E. et. al. *O rio Paraíba do Sul: o caso do derramamento do efluente da indústria de papéis Cataguases*. In: IX Congresso Brasileiro de Limnologia, jul. 2003.
- SOUZA, M. R. *Etnoconhecimento caiçara e uso de recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Paraíba*. São Paulo: USP, 2004.